



A LINGUAGEM DO CINEMA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: OLHARES A PARTIR DO LIVRO DIDÁTICO

Luís Henrique Dias Rocha ¹

RESUMO

O presente trabalho teve como motivador a Lei 13006/2014 que dispôs sobre obrigatoriedade da exibição de filmes de produção nacional por no mínimo duas horas mensais nas escolas de ensino fundamental e médio. A partir da referida lei, foi inserida na ficha de avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2018) como um dos requisitos obrigatórios, que os livros deveriam contemplar a mesma. Das quatorze coleções aprovadas no PNLD/2018 foi possível conseguir para análise sete coleções completas e dois volumes avulsos. Parte desse material foi encontrado no formato digital disponibilizado pelas próprias editoras na internet e a outra parte foi adquirida no formato físico encontrado algumas escolas da rede estadual de ensino de Dourados-MS. Após análise identificamos que os filmes comparecem nas coleções nos boxes que ficam nas laterais das páginas, seja no canto superior ou inferior. Verificamos que existe uma correspondência entre o filme sugerido e o tema/conteúdo abordado na página, capítulo ou unidade temática do livro. Foi possível identificar, também, que os gêneros de filmes mais sugeridos nas coleções são o documentário e o drama. A partir desses elementos podemos inferir que existiria um tipo de filme “certo” para estar em sala de aula: o filme documentário que apresenta a realidade com verossimilhança e o filme drama que aborda questões que se aproximam de temas da Geografia.

Palavras-chave: Linguagem Cinematográfica, Ensino de Geografia, Cinema Nacional, Livro Didático.

RESUMEN

Este trabajo fue motivado por la Ley 13006/2014, que preveía la proyección obligatoria de películas de producción nacional durante al menos dos horas al mes en las escuelas primarias y secundarias. A partir de esa ley, se insertó en el formulario de evaluación del Programa Nacional de Libros de Texto (PNLD / 2018) como uno de los requisitos obligatorios, que los libros deben incluir el mismo. De las catorce colecciones aprobadas en el PNLD / 2018, fue posible obtener para análisis siete colecciones completas y dos volúmenes separados. Parte de este material se encontró en el formato digital puesto a disposición por los propios editores en Internet y la otra parte se adquirió en el formato físico que se encuentra en algunas escuelas públicas de Dourados – MS..Luego del análisis identificamos que las películas aparecen en las colecciones en los recuadros que están a los lados de las páginas, ya sea en las esquinas superior o inferior. Verificamos que existe correspondencia entre la película sugerida y el tema / contenido tratado en la página, capítulo o unidad temática del libro. También se pudo identificar que los géneros cinematográficos más sugeridos en las colecciones son el documental y el drama. A partir de estos elementos, podemos inferir que habría un tipo de película “adecuada” para ser utilizada en el aula: la película documental que presenta la realidad con verosimilitud y la película dramática que aborda temas que abordan temas de geografía.

¹ Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados - MS, luisfc_12@hotmail.com.



Palabras clave: Lenguaje cinematográfico, Enseñanza de la geografía, Cine nacional, Libro de texto.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, devemos esclarecer que o percurso analítico e as discussões deste trabalho se pautam na compreensão de linguagem conforme Oliveira Junior e Girardi (2011, p. 4): “Abordar as diferentes linguagens é entendê-las não estritamente como elemento de um processo de comunicação, mas como fundamento de um processo de criação, de produção de pensamento sobre o espaço.”

Assim, ao pensar o ensino de Geografia por meio da linguagem, a finalidade é a construção de outros modos de se pensar e criar o espaço. Desse modo, é necessário pensar a educação e o processo de socialização na escola como algo que não se deve ou não deveria ser feito de forma dissociada das linguagens. Se faz necessário pensar a educação, o ensino de Geografia e os processos de ensino-aprendizagem com as linguagens, nas linguagens, entre as linguagens e pelas linguagens.

Entendendo as especificidades de cada linguagem, o intento deste trabalho é investigar a forma pela qual o cinema comparece nas coleções de livros didáticos de Geografia.

Tivemos como principal motivador da pesquisa a Lei 13.006/2014 que instituiu a obrigatoriedade de exibição de filmes de produção nacional, no mínimo duas horas mensais nas escolas da educação básica. Assim, a referida Lei foi incluída na ficha de avaliação do PNLD/2018 no subitem “Formação Cidadã” como item que as coleções deveriam atender.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: Revisão bibliográfica sobre o tema; leitura do Guia do Livro Didático de Geografia do PNLD/2018 para identificação das coleções didáticas aprovadas;



levantamento, junto às escolas estaduais de Dourados (MS), das coleções didáticas aprovadas no PNLD/2018; análise das coleções aprovadas.

O PNLD/2018 teve quatorze coleções de livros didáticos de Geografia aprovadas e que foram escolhidas pelos professores para serem utilizados no Ensino Médio no período de 2018 a 2020.

Das quatorze coleções aprovadas no PLND/2018, foi possível ter o acesso a sete coleções completas e quatro volumes avulsos. Uma parcela de livros foi encontrada na internet em formato digital sendo disponibilizados em sites pelas próprias editoras. A outra parte foi encontrada a partir do contato com as escolas que fazem parte da rede estadual de ensino de Dourados-MS.

REFERENCIAL TEÓRICO

Dentre a gama de possibilidades de análise da linguagem cinematográfica, a presente pesquisa se pautará no entendimento do cinema a partir do seu caráter social, cultural e artístico. Duarte (2002, p.16) pontua que “ver filmes, é uma prática social tão importante do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, sociológicas, filosofias e tantas mais”.

Entende-se que essa linguagem possui especificidades que podem contribuir para a construção de pensamentos acerca do espaço. Assim, afirma-se não a ideia de oposição e/ou hierarquias entre linguagens, mas a relação entre a linguagem fílmica e o ensino-aprendizagem no contexto escolar como mais uma possibilidade de construção de conhecimento.

Ao olharmos para a aproximação histórica do cinema com a escola no contexto brasileiro, podemos observar que o pragmatismo e o conservadorismo se fazem presentes desde o início dessa relação.

No final do século XIX, já se fazia presente na educação brasileira a utilização de elementos visuais no ensino, principalmente por meio de fotografias. A inserção do cinematógrafo no processo pedagógico escolar no primeiro momento, teve a sua legitimação pautada em ‘tornar as lições mais interessantes e eficazes’ (DUARTE e ALEGRIA, 2008, p. 62).

A defesa no campo político feita por Getúlio Vargas na década de 1930, acerca do desenvolvimento do cinema e da sua utilização na educação foi pautada no discurso de



que o cinema educativo, principalmente o cinema documental, se apresentava como uma ferramenta que visava representar a realidade da forma como ela é, sendo esse elemento entendido como importante, devido ao alcance que o cinema poderia vir a ter, e de que, nessa perspectiva, o cinema em si, não traria entraves ao ser assistido por analfabetos. Assim, passou a ser chamado de ‘livro de imagens luminosas’. (DUARTE e ALEGRIA, 2008, p. 68).

Pensar práticas pedagógicas em sala de aula com o cinema apenas pelo seu caráter ilustrativo e enquanto ferramenta é inibir de forma silenciosa a possibilidade de encontro entre sujeitos (professores e alunos) pautada pela experiência artística e cultural que o cinema possa vir proporcionar no contexto de ensino e aprendizagem na escola

No que se refere às relações e tensões entre cinema e escola Inés Dussel (2014) diz:

Me concentraré sobre todo en lo que llamo la “visión celebratoria” de los aportes del cine a la escuela, que considera al cine como la experiencia artística por excelencia y lo coloca por encima de otros medios audiovisuales como la televisión o los nuevos medios digitales, tanto por su lenguaje estético específico como porque permite la distancia y la reflexión diferencia, por ejemplo, de los videojuegos o las redes sociales, que implican un involucramiento inmediato, veloz y en gran medida sinestésico). En este argumento, si el cine es el espacio movilizador de energías creativas, la escuela es su revés: un espacio inerte, rutinizado y desvitalizado, que ha perdido (o nunca tuvo) la sensibilidad para abrirse al otro y para incluir poéticas y estéticas plurales y rupturistas. En esta visión, las experiencias con el cine deben resistir, ante todo, ser escolarizadas, porque en la adaptación escolar se pierde todo lo valioso y ‘alter(iz)ante’ del cine, esto es, su capacidad de alterar una cierta gramática y de plantear una experiencia estética rica e imprevisible. (DUSSEL, 2014, p.79).

A autora reforça a problemática da *pedagogização* do cinema na escola. Pensar o filme apenas a partir do seu caráter instrumental/recurso estabiliza as forças criativas existentes no cinema que são capazes de mobilizar e de tensionar pensamentos acerca do espaço.

Quanto às aproximações do cinema com o ensino de Geografia nos pautamos nas contribuições de Oliveira Jr (2005) e Ferraz (2012). Para Ferraz (2012, p. 368): “A imagem fílmica, enquanto elaboração artística, não pode ser entendida como mera reprodução do real, pois não é uma cópia do mundo, mas sim a instauração de um acontecimento, de uma forma outra de se ver o mundo.”



Assim, o filme não é uma representação fidedigna do real, mas a visão dada a partir do diretor sobre determinado assunto, dentro de um recorte espacial e temporal. Desse modo, o cinema é uma linguagem que possui intencionalidades e, caberia ao ensino de Geografia, confrontar as intencionalidades apresentadas no filme tensionando ideias e elementos dessa linguagem para construir outras formas de se entender o espaço.

Seguindo na construção de um argumento em defesa da experiência do cinema no ensino de Geografia e corroborando com as preposições apresentadas por Ferraz (2012), Oliveira Jr. (2005) apresenta que:

Uma geografia de cinema, num primeiro momento, tem mais haver com o movimento que o filme causa em mim do que com a trama ou o conteúdo geográfico que ele contém ou representa. Na verdade, ela seria algo um pouco distinto, uma vez que não deve assumir uma perspectiva de desenvolvimento subjetivo apenas e, ainda que assim o assuma, deve ter como foco uma ação eminentemente política, portanto pública ou pelo menos voltada a ele. O que quero dizer com isso é que a intenção de produzir geografias de cinema é a de pensar e inventar outras interpretações para o mundo, a de permitir olhares diferenciados e diversificados às coisas do mundo (não só do filme, mas da realidade nele aludida ou encontrada). (OLIVEIRA JR, 2005, p. 32).

Portanto, o autor defende a ideia de uma *Geografia do Cinema*, que é construída a partir de uma interpretação dada pelo sujeito que está em contato/contágio com o filme em questão. Essa interpretação é pautada naquilo que o filme afeta esse sujeito de tal forma que os olhares devem ser mirados para o filme em si e não necessariamente para algo que está no filme. A narrativa, o conteúdo dito geográfico podem servir como ponto de partida, mas não pode ser o ponto de chegada.

Dessa forma, ao se fazer uso de uma leitura geográfica, na experiência de ensino com o cinema, se constrói a possibilidade da (re)significação de sentidos, corroborando numa construção múltipla de sentidos e conhecimentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as análises das coleções de livros didático de Geografia para o ensino médio aprovado no PNLN (2018) foi constatado que os filmes, em geral, aparecem nos livros em forma de boxes nas laterais no canto inferior ou superior das páginas, sempre articulados à ideia a ser trabalhada na unidade e no capítulo em que o filme foi proposto. Em sua maioria, os filmes são apresentados por meio de boxes nas laterais dos livros como sugestão complementar ao conteúdo (Figura 1).



A cidade de São Paulo deve seu enorme incremento populacional à chegada de famílias migrantes de todo o país (SP, 1974).

Midioteca

Vídeo

◆ Central do Brasil

Brasil, 1998. Direção de Walter Salles. Duração: 111 min.

No filme, a personagem Dora escreve carta para analfabetos na estação Central do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Sua cliente Ana aparece com o filho Josué pedindo-lhe que escreva uma carta a seu marido para informá-lo de que Josué quer visitá-lo um dia. Saindo da estação, Ana morre atropelada e Josué fica abandonado. Mesmo a contragosto, Dora acolhe o menino e decide levá-lo até o pai dele, que mora no sertão nordestino. No meio dessa viagem pelo Brasil, o filme revela como é a vida de pessoas que migram pelo país na tentativa de conseguir melhores condições vida.



◆ 194

Figura 1 – Sugestão de filme.

FONTE: SILVA, Ângela Correa. OLIC, Nelson Bacic. LOZANO, Ruy. Geografia – Contextos e Redes. Volume 2.2ª Edição. São Paulo: Moderna, 2016, p.194.

A forma como o cinema, inclusive o nacional, comparece nas coleções segue a lógica de complementação do conteúdo a ser trabalhado na página, capítulo ou unidade temática em que está sendo sugerido, conforme pode-se observar nas Figuras 2, 3 e 4.

Para assistir

Quanto vale ou é por quilo?

Direção: Sergio Bianchi.
País: Brasil.
Ano: 2005.

Adaptado do conto de Machado de Assis, "Pai contra mãe", o filme, ao abordar épocas aparentemente distantes, realiza uma analogia entre o antigo comércio de escravos e a atual exploração da miséria por meio de atividades assistenciais. Muitas dessas ações caracterizam-se como forma de captar lucros na sociedade moderna.

Dos portugueses que vieram para as colônias da América, a maioria era constituída de homens que não trouxeram suas famílias. Essa foi uma das marcas da **colonização de exploração**.

Nas primeiras décadas do século XX, o racismo tradicional (baseado na pretensa crença da superioridade biológica da "raça branca") foi progressivamente abandonado e ganharam espaço novas ideias, cuja base era a valorização da miscigenação. A valorização da mestiçagem conferiu uma "carteira de identidade" para a imensa parcela da população que tinha nas veias o "sangue negro". O problema é que essa "carteira" veio embalada na teoria da **democracia racial**, segundo a qual o confronto entre as raças no Brasil teria sido evitado e em seu lugar a mestiçagem teria estabelecido a harmonia social.

A realidade, porém, é bem diferente. Antes da abolição, o negro era mão de obra, mas não era cidadão (pois não tinha direitos). O fim da escravidão o transformou em cidadão e dono de sua força de trabalho, mas a exclusão social e econômica impediu o exercício pleno de sua cidadania.

Em 2013, o rendimento médio dos trabalhadores negros ou pardos equivalia a 57,4% dos rendimentos médios auferidos pelos trabalhadores brancos e, independentemente do nível de escolaridade, negros e pardos se encontram sempre em desvantagem salarial em relação aos brancos.

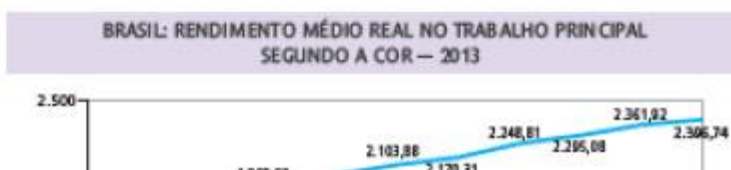


Figura 2 – Coleção: Conexões – Estudos de Geografia geral e do Brasil, (2016).

Fonte: TERRA, Lygia. ARAUJO, Regina. GUIMARÃES, Raul B. *Conexões – Estudos de Geografia geral e do Brasil*. Volume 1.3ª Edição. São Paulo: Moderna, 2016, p.120.

4 Migração interna

Segundo dados do IBGE, em 2014, 39,5% dos habitantes do país não eram naturais do município em que moravam, e cerca de 16% deles não eram procedentes da unidade da federação em que viviam.

Federação: arranjo político-territorial, como é o caso da Federação Russa, do Brasil, dos Estados Unidos, da Alemanha, entre outros países, no qual as unidades internas não têm autonomia completa, portanto devem reportar-se a órgãos centrais de decisão política.

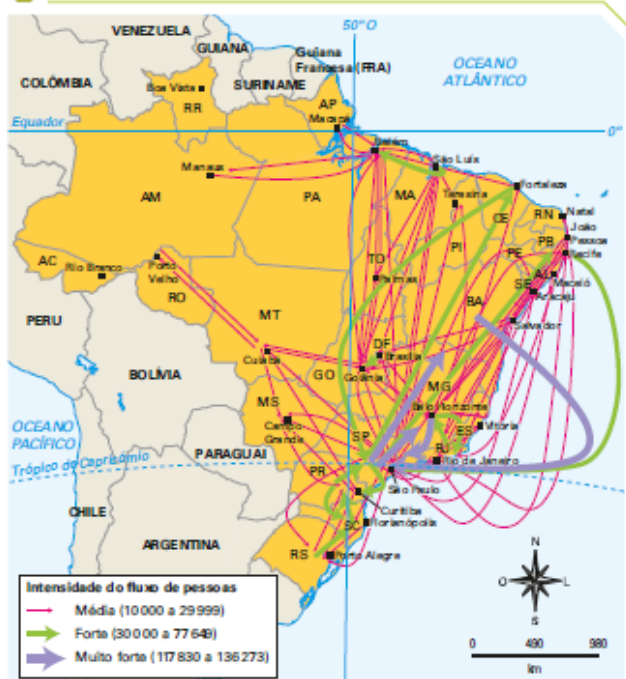
Esses dados revelam que predominam os movimentos migratórios dentro do estado de origem. Atualmente há um crescimento dos fluxos urbano-urbano e intrametropolitano, isto é, aumenta o número de pessoas que migra de uma cidade para outra no mesmo estado ou em determinada região metropolitana em busca de melhores condições de vida. No entanto, continuam ocorrendo os movimentos migratórios interestaduais, como mostra o mapa ao lado.

Analisando a história brasileira, percebemos que, desde o século XVI, os movimentos migratórios estão associados a fatores econômicos. Quando o ciclo da cana-de-açúcar no Nordeste decaiu, por exemplo, se intensificou o do ouro em Minas Gerais. Esses grandes deslocamentos de pessoas provocam um intenso processo de urbanização na nova centralidade econômica do país.

Mais tarde, com o ciclo do café e o processo de industrialização, o eixo São Paulo-Rio de Janeiro se tornou

Assista ao filme *O homem que virou suco*. Veja orientações na seção Sugestões de leitura, filmes e sites.

Brasil: principais fluxos migratórios – 2008



Adaptado de: IBGE. *Atlas Nacional do Brasil* Milton Santos. Rio de Janeiro, 2010. p. 139.

o grande polo de atração de migrantes, que saíam da região de origem em busca de emprego ou de melhores salários. Somente a partir da década de 1970, por causa do processo de desconcentração da atividade industrial e da criação de políticas públicas de incentivo à ocupação das regiões Norte e Centro-Oeste, a migração para o Sudeste começou a apresentar significativa queda.

Se determinada região do país começar a rece-

Figura 3 – Coleção: *Conexões – Geografia Geral e do Brasil – Espaço geográfico e globalização*. (2016).

Fonte: MOREIRA, João C. SENE, Eustáquio. *Geografia Geral e do Brasil – Espaço geográfico e globalização*. Volume 3. 3ª Edição. São Paulo: Scipione, 2016, p.152.



A Geografia no cinema

Gaijin: ama-me como sou

O filme apresenta o drama vivido por uma imigrante japonesa e suas descendentes no Brasil. O filme mostra também a ida dos descendentes dos imigrantes para a terra natal de seus antepassados em busca de melhores condições de vida.



Título: Gaijin: ama-me como sou
Diretor: Tizuka Yamasaki
Principais atores: Tamlyn Tomita, Louise Cardoso, Luís Melo e Lissa Diniz
Ano: 2005
Duração: 130 minutos
Origem: Brasil



Para assistir

- **CENTRAL do Brasil.** Direção: Walter Salles. Europa filmes, 1998.
O filme revela como é a vida das pessoas que migram pelo país, envolvendo a história de uma mulher, que decide ajudar um garoto a encontrar seu pai, em uma viagem do Rio de Janeiro ao Sertão nordestino.
- **GAIJIN: os caminhos da liberdade.** Direção: Tizuka Yamasaki. CPC, 1980.
O filme retrata diversos aspectos que marcaram a história dos imigrantes japoneses no Brasil no início do século XX. Entre eles, a convivência entre imigrantes japoneses, italianos e os migrantes nordestinos.
- **MORTE e vida Severina.** Direção: Zelito Viana. Embrafilmes, 1977.
Baseado no clássico da literatura brasileira escrito por João Cabral de Melo Neto, em 1966, esse filme retrata a vida do migrante nordestino Severino, que, assim como muitos outros nordestinos, partiu do sertão em direção ao litoral do Nordeste em busca de melhores condições de vida.



Para ler

- ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio O. **Imigrantes no Brasil: colonos e povoadores.** Curitiba: Nova Didática, 2000.
- IOKOI, Hilda M. Gricoli. **Ser índio hoje: a tensão territorial.** São Paulo: Loyola, 1999.
- PAIVA, Odair da Cruz. **Brasileiros na hospedaria dos imigrantes: a migração para o estado de São Paulo (1888-1993).** São Paulo: Memorial do Imigrante, 2001.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SANTOS, Regina B. dos. **Migração no Brasil.** São Paulo: Scipione, 1994.
- SILVA JR., Hélio (Org.). **O papel da cor: raça/etnia nas políticas de promoção da igualdade.** São Paulo: Ceert, 2003.
- VALIM, Ana. **Migrações: da perda da terra à exclusão social.** 11. ed. São Paulo: Atual, 2009.



Para navegar

- **FUNDAÇÃO Nacional do Índio (FUNAI).** Disponível em: <<http://tub.im/4e2u8m>>. Acesso em: 24 set. 2015.
- **INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).** Disponível em: <<http://tub.im/kdp2qw>>. Acesso em: 24 set. 2015.
- **MUSEU da Imigração do Estado de São Paulo.** Disponível em: <<http://tub.im/g62c9y>>. Acesso em: 24 set. 2015.
- **POVOS Indígenas no Brasil (PIB).** Disponível em: <<http://tub.im/8nqrky>>. Acesso em: 24 set. 2015.

Figura 4 – Coleção Contato Geografia, 2016.

Fonte: MARTINEZ, Rogério. VIDAL, Wanessa P. G. **Contato Geografia.** Volume 02 1.ª Edição. São Paulo: Quinteto, 2016, p.139.

No primeiro exemplo apresentado (Figura 2) o filme sugerido é *Quanto Vale ou É por Quilo?* (Sérgio Bianchi, 2002). O longa é uma adaptação da obra *Pai Contra a Mãe* (Machado de Assis, 1906) que apresenta em sua narrativa um paralelo entre o Brasil do século XIII e o Brasil atual. O filme visa fazer uma crítica à exploração da miséria humana



com a obtenção do lucro feito por organizações não governamentais (ONG'S) e também investiga os processos de permanências e rupturas atrelados à escravidão no Brasil.

A sugestão deste filme faz parte capítulo sete do volume 2 *Conexões – Estudos de Geografia geral e do Brasil*, (2016) O capítulo intitula-se *Brasil: diversidade, cultura e migrações* e tem por objetivo apresentar aos alunos a composição e a influência da diversidade cultural brasileira a partir das contribuições dos fluxos migratórios. O capítulo faz parte da segunda unidade do livro: *População e território*, que visa apresentar uma caracterização da população mundial a partir dos acontecimentos históricos que influenciaram no crescimento demográfico visando compreender também ocupação desigual do planeta, discussão entre países populosos e povoado. Desse modo, a indicação do filme tem como finalidade corroborar com o tema proposto principalmente no que concerne à discussão sobre a população com o enfoque em questões provenientes da formação da população brasileira a partir das matrizes originária e os problemas acerca da discriminação, intolerância racial e preconceitos provenientes do período escravocrata do Brasil e que são reforçados cotidianamente.

No segundo exemplo (Figura 3) é sugerido na coleção *Geografia Geral e do Brasil* (2016) o filme brasileiro *O Homem que virou suco* do diretor João Batista de Andrade (1981). O longa narra a trajetória do nordestino Deraldo (José Dumont) que sai de seu local de origem e se aventura em São Paulo. O filme apresenta como temática o processo migratório – Nordeste para São Paulo – em que pessoas em contextos de vulnerabilidade se vêem obrigado a deixar o seu lugar em busca de melhores condições de vida. A exploração do trabalho, o subemprego e as classes sociais também estão presentes no filme.

O filme é sugerido no volume 3, capítulo sete - *Formação e diversidade cultural da população*. O capítulo tem como objetivo abordar o processo originário de formação cultural no Brasil e na página em que o filme é sugerido o tema é a migração interna brasileira tendo com enfoque o deslocamento de pessoas para a região sudeste.

No terceiro exemplo (Figura 4) é sugerido o filme *Gaijin – Ama-me como sou* de Tizuka Yamasaki (2005). O longa apresenta a chegada de imigrantes japoneses ao Brasil no início do século XX abordando processos migratórios, população japonesa no Brasil, a exploração do trabalho e mão de obra de migrantes no campo brasileiro.

O filme é sugerido na unidade *População Brasileira* que visa caracterizar a população brasileira a partir de seus aspectos demográficos como os fluxos migratórios



interno e externo, a estrutura da população brasileira, crescimento vegetativo, taxa de natalidade, taxa de mortalidade e envelhecimento da população.

Como podemos observar na Figura 4, a coleção de livros didáticos #Contato Geografia traz, na página final de cada unidade, a seção Geografia no Cinema. Dessa forma, diferentemente das demais sugestões contidas nos outros livros didáticos em que os filmes aparecem ao longo da unidade/capítulo, ou seja, servindo como reforço/ilustração para as informações contidas nos textos, nesse exemplo podemos observar que a coleção apresenta um destaque diferente ao cinema. As orientações contidas na própria coleção vinculam essa seção à ideia de que o cinema pode auxiliar no estudo de uma forma mais prazerosa. No entanto, mesmo com o destaque dado ao cinema, apresentando as sugestões de filmes em uma seção exclusiva, observa-se a ausência de proposições ou atividades que potencializem o cinema em sala de aula.

Além da forma como o cinema comparece nos livros didáticos, identificamos os gêneros que mais vezes são sugeridos nas coleções de livros didáticos analisados, pode-se verificar no Quadro 1.

Coleções	Aventura	Ação	Documentário	Drama	Outros
Geografia Geral e do Brasil	0	0	6	8	1
Ser Protagonista	1	1	16	6	3
Território e Sociedade no Mundo Globalizado	1	0	5	6	2
Geografia no Cotidiano	0	0	21	11	1
#Contato Geografia	0	0	9	9	2
Vivá – Geografia	0	0	5	0	0
Geografia das Redes	0	0	3	2	1
Geografia Contexto e redes	1	0	15	5	1
Conexões – Estudos de Geografia Geral e do Brasil	0	0	15	5	4

Quadro 1 – Gêneros dos filmes de produção nacional presentes nos livros didáticos pesquisados
Org.: ROCHA, Luís H., 2020

Com base no Quadro 1, vemos que os gêneros de filmes que mais vezes comparecem como sugestões nos livros didáticos são Drama e o Documentário.



Genêros cinematográficos são estruturas narrativas semelhantes que emitem um mensagem. Altman (2000, p.50) pontuando sobre as funcionalidades que os gêneros fílmicos assumem diz:

‘[...] los géneros cinematográficos son funcionales para su sociedad. Productores y exhibidores los consideran «productos»; los críticos, por su parte, reconocen cada vez más el papel que desempeñan en un sistema cultural complejo que permite a los espectadores afrontar y resolver (aunque sea sólo de manera imaginaria) las contradicciones que no consiguen dominar de la sociedad en que viven’. (ALTMAN, 2000, p.50).

A partir de Altman (2000) entende-se o contato do sujeito com diferentes gêneros e, principalmente, o contato com diferentes formas de se fazer cinema propicia a construção de formas outras de sentidos e sensações que podem vir a ser múltiplas.

Trazendo para o contexto de ensino de Geografia, a experiência do cinema enquanto potência artística, direcionado por meio do contato com diferentes formas de abordagem da narrativa fílmica contribui para a criação de imaginações plurais e amplas acerca do espaço.

O fato de haver dois gêneros que mais vezes comparecem como sugestões de filmes nas coleções de livros didáticos implica sobre a visão que se tem na educação acerca de qual o tipo/formato de filme que é feito para a escola, ou seja, de acordo com essa concepção existe um filme certo para o ensino. Assim, o questionamento que se faz não é apenas quanto aos dois gêneros que mais comparecem, mas sim o fato de que isso pode ocasionar na impossibilidade do contato com outras formas de se fazer cinema, privando então, a construção de novas e diferentes experiências com essa linguagem.

A partir das análises realizadas na coleções de livro didático de Geografia foi possível identificar que a forma em que os filmes são sugeridos tem relação direta com a o conteúdo trabalhado na página, capítulo e unidade do livro, assim percebe-se um direcionamentos do livro ao trato do cinema apenas enquanto algo que sirva para ilustrar algo, sendo esse algo o conteúdo. Não se observa nas coleções proposições sobre práticas pedagógicas sobre como lidar com esse filme em sala de aula, os direcionamentos presentes dizem respeito apenas enquanto algo que complemente o conteúdo. O filme pensando enquanto apenas um recurso que está a serviço do conteúdo inibe em sala de



aula a possibilidade de construção de um conhecimento diferente/diverso que a linguagem cinematográfica possa a vir propiciar.

A inclinação a duas formas de gêneros mais presentes nas coleções didáticas demonstra que existe um discurso de que existe um filme *certo* para estar em sala de aula, assim limitando o contato/contágio dos indivíduos presentes no processo pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema, de forma geral comparece nesses materiais seguindo um mesmo padrão no que se refere à sua “localização” ao longo dos capítulos e/ou unidades, assim como no que tange ao seu papel, ficando em nível de sugestão pontual aos professores e alunos. Mesmo na coleção que dá destaque ao cinema, apresentando as sugestões de filmes em uma seção exclusiva, observa-se a ausência de proposições ou atividades que potencializem o cinema como linguagem.

Os filmes sugeridos sempre acompanham o assunto a ser apresentado naquela página, seguindo o tema do capítulo e da unidade do livro. Assim, entende-se que o filme está ali para reforçar, ilustrar e complementar as informações trazidas pelo texto, fotografias, gráficos e mapas.

Quanto aos gêneros fílmicos, as coleções de livros didáticos trazem em maior número filmes dos gêneros e drama e documentário. Apontamos duas possíveis explicações para a predominância desses gêneros: no que se refere ao gênero documentário, existe uma construção histórica da relação e da aproximação dessa forma de se fazer cinema com a educação no contexto brasileiro. No que diz respeito ao gênero cinematográfico drama, sua estrutura narrativa baseada, em geral, em temáticas do cotidiano se aproximaria das proposições contidas principalmente no currículo de Geografia.

Por se tratar de estruturas narrativas, estamos lidando com formas de emissão de mensagens, portanto, limitar o contato de professores e estudantes apenas a duas formas de gêneros implica na impossibilidade da construção de experiências estéticas e de uma leitura espacial mais plural.



REFERÊNCIAS

- DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Imagem e Geografia: Considerações a partir da linguagem cinematográfica. Brasília: Espaço & Geografia, Vol.15, n°2, 2012.
- OLIVEIRA JR., Wenceslao M. O que seriam as geografias de cinema? Revista TXT – leituras transdisciplinares de telas e textos. Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o Texto da UFMG, n.2, s/p, 2005.
- OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M.; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 2011. Goiânia. Anais do XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia. Goiânia, 2011, p. 1-9.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília -DF, 26 jun. 2014.
- DUARTE, Rosália. ALEGRIA, João. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. Educação & Realidade, n. 33 (1), 2008, p. 59-80.
- DUSSEL, Inés. Usos del cine em la escuela: una experiencia atravesada por la visualidad. Vitória da Conquista: v.12. n°1, p.77-100, 2014.
- ALTMAN, Rick. Los géneros cinematográficos. Barcelona: Paidós Comunicación, 2000.
- TERRA, Lygia. ARAUJO, Regina. GUIMARÃES, Raul B. Conexões – Estudos de Geografia geral de do Brasil. Volume 1.3º Edição. São Paulo: Moderna, 2016.
- FONTE: MOREIRA, João C. SENE, Eustáquio. Conexões – Geografia Geral e do Brasil – Espaço geográfico e globalização. Volume 3. 3º Edição. São Paulo: Scipione, 2016.
- MARTINEZ, Rogério. VIDAL, Wanessa P. G. Contato Geografia. Volume 02 1.º Edição. São Paulo: Quinteto, 2016, p.139.